

# Antonio Gramsci e o intelectual nacional-popular

Claudio Reis

**Como citar:** REIS, C. Antonio Gramsci e o intelectual nacional-popular. *In:* DEL ROIO, M. (org.) **Trabalho, política e cultura em Gramsci: os 70 anos da morte de Gramsci.** Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2007. p. 19-22.  
DOI: <https://doi.org/10.36311/2007.978-85-60810-06-2.p19-22>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

## Antonio Gramsci e o *intelectual nacional-popular*

Claudio Reis<sup>1</sup>

Como se sabe, Gramsci foi um dos principais autores a refletir sobre a figura do “intelectual” no século XX. E muitas das suas reflexões, referente a esse *tipo social*, ainda são bastante utilizadas neste início de século XXI. Ainda que ele tenha discutido o tema dos intelectuais antes da prisão fascista – principalmente em seu texto inacabado, intitulado *A questão meridional*, no qual faz referência ao significado político-cultural de Benedetto Croce, entre outros – será nos *Cadernos do Cárcere* o espaço de maior contribuição à questão. Será, precisamente, em sua obra carcerária que o autor italiano analisará historicamente como os intelectuais se transformaram.

De maneira geral, para Gramsci o significado de intelectual deveria ser compreendido de modo amplo. No seu caderno 12, encontra-se uma das mais conhecidas passagens sobre essa questão. Diz ele, “todos os homens são intelectuais, mas nem todos os homens têm na sociedade a função de intelectuais...” (Gramsci, 2001, p.18) De certo modo, com essa afirmação, o autor rompe com o princípio de que somente alguns iluminados possuíam a capacidade de exercer uma tarefa “intelectual”. Para ele, qualquer atividade profissional específica, desempenhada na sociedade, exige um certo tipo de intelectual. Assim, tanto o cozinheiro quanto o filósofo precisam do intelecto para desempenharem seus trabalhos. Ainda que de modo completamente diferente, ambos são responsáveis por atividades que nem todos podem desempenhar, isto é, o ato de fazer pratos sofisticados ou de trabalhar os conceitos mais abstratos, não são tarefas para qualquer indivíduo.

No entanto, Gramsci, além de pontuar de maneira abstrata o significado de “intelectual”, também faz algumas identificações concretas do mesmo. Tentando analisar esse *tipo social* na dinâmica histórica, o autor italiano desenvolve quatro categorias fundamentais para entendê-lo: o “orgânico” e o “tradicional”, o “cosmopolita” e o *nacional-popular*.

O primeiro se configura por todo aquele que desempenha atividades organicamente ligadas a uma determinada classe social. Atividades essas que podem ser tanto de cunho filosófico e científico, quanto puramente técnico. Na Idade Média, por exemplo, a nobreza tinha a sua volta figuras como o padre e o cavaleiro, ambos fundamentais para a manutenção do *status quo*. “A categoria dos eclesiásticos pode ser considerada como a categoria intelectual organicamente ligada à aristocracia fundiária: era juridicamente equiparada à aristocracia, com a qual dividia o exercício da propriedade feudal da terra e o uso dos privilégios estatais ligados à propriedade.” (Gramsci, 2001, p.16) Na era capitalista, os “intelectuais orgânicos” passaram a assumir outras configurações específicas, ainda que mantendo as mesmas

<sup>1</sup> Doutorando em Ciências Sociais, pelo IFCH/Unicamp. Membro dos Grupos de Pesquisa Cultura e Política do Mundo do Trabalho FFC/Unesp; e Marxismo e Teoria Política do Centro de Estudos Marxistas (Cemarx) IFCH/Unicamp

atividades de defesa da classe social fundamental. "O empresário capitalista cria consigo o técnico da indústria, o cientista da economia política, o organizador de uma nova cultura, de um novo direito, etc., etc." (Gramsci, 2001, p.15) Este, então, é o sentido essencial do "intelectual orgânico" na história humana.

Sobre os "intelectuais tradicionais", Gramsci também revela profundo interesse. Para ele, são tradicionais todos aqueles intelectuais que não têm sua existência social fundada numa determinada classe social. E aqui, pode-se pensar, mais uma vez o clero, pois, ele, mesmo tendo sobrevivido às Revoluções Burguesas, não o fez sem perdas significativas. Ao sair da Idade Média e entrar no Capitalismo, a categoria dos eclesiásticos, deixou de ser representante "orgânica" de sua classe específica, ou seja, a nobreza feudal. Em outras palavras, o padre que foi um dos principais "intelectuais orgânicos" da aristocracia, na era capitalista, passou a desempenhar uma atividade "tradicional". Sendo que os "intelectuais tradicionais sentem com 'espírito de grupo' sua ininterrupta continuidade histórica e sua 'qualificação', eles se põem a si mesmos como autônomos e independentes do grupo social dominante." (Gramsci, 2001, p. 17) Portanto, de maneira geral, "intelectual tradicional" é aquele que não se sente parte e nem está sustentado estruturalmente por uma determinada classe fundamental da sociedade.

Outra categoria de intelectual importante na reflexão gramsciana, refere-se ao chamado "cosmopolita". Para o autor, esta foi a forma específica de intelectual que marcou amplamente o Renascimento. O predomínio do "intelectual cosmopolita" na história italiana, foi um dos elementos principais para o caráter anti-popular dos vários movimentos político-culturais existentes na península. O seu perfil caracterizado pelo não reconhecimento dos problemas específicos da *vida nacional*, fez com que toda a sua atividade se tornasse estranha e até oposta aos interesses das maiorias. "No que diz respeito à Itália, o fato central é precisamente a função internacional ou cosmopolita de seus intelectuais, que é causa e efeito do estado de desagregação em que permaneceu a península, desde a queda do Império Romano até 1870." (Gramsci, 2001, p.26) Todavia, essa *herança histórico-nacional*, de caráter anti-popular, na visão de Gramsci, permaneceu até o seu tempo. E o grande exemplo de "intelectual cosmopolita" de sua época foi Benedetto Croce.

Em contraposição a essa tradição cosmopolita dos agrupamentos de intelectuais do seu país é que o autor sugere o *intelectual nacional-popular*. Na verdade, esta forma de intelectualidade é uma fundamental derivação do seu projeto nacional. Para Gramsci, a nação italiana somente seria popular à medida que determinados intelectuais incorporassem suas questões como fonte de suas atividades. Segundo sugere o autor, historicamente, o *intelectual nacional-popular*, surge de modo definido na Itália com Nicolau Maquiavel. A preocupação do Secretário Florentino em pensar as soluções para a fragmentação da península e para a opressão das potências europeias sobre seu território, deu-lhe, seguindo sugestões gramscianas, a configuração de *intelectual nacional-popular*.

Internacionalmente, o autor dos *Cadernos*, encontrou tal intelectual em dois momentos fundamentais da história. O primeiro, corresponde ao movimento revolucionário francês do período jacobino. Na opinião de Gramsci, o jacobinismo foi o principal responsável pelo caráter popular da Revolução Francesa de 1789, tudo graças ao seu alcance nacional. Ao se aproximarem dos setores populares, como os camponeses, os intelectuais jacobinos passaram de fato a representar a *vida nacional* francesa. Desse modo, transformaram-se em *nacional-populares*. O segundo

momento, diz respeito ao processo revolucionário russo, já no século XX. De acordo com a leitura gramsciana, os bolcheviques foram vitoriosos pelo fato de terem incorporado os principais anseios das classes populares. E isso somente foi possível, graças à postura de figuras, como V. Lenin, que tiveram um profundo respeito às particularidades nacionais da Rússia, Lenin, na verdade, foi o grande “tradutor” da “filosofia da práxis” (universal) em solo russo (particular), tarefa indispensável para transformar toda a insatisfação das classes populares numa revolução social radical em toda a *vida nacional* do país. Graças ao seu aspecto *nacional-popular*, o revolucionário russo conseguiu encaminhar o início de uma nova forma de sociabilidade naquele país. Diferentemente de Trotski e Stalin, pois enquanto o primeiro foi *popular sem ser nacional*, o segundo foi *nacional sem ser popular*.

De volta à Itália, Gramsci busca “traduzir” toda essa *herança histórico-internacional* popular e progressista para a península, pois, em sua época, ainda era possível sentir o peso da *herança histórico-nacional* elitista e cosmopolita. Era preciso difundir a ideia entre os comunistas da necessidade de se conhecer e se inserir na *vida nacional* italiana. Somente assim, seria possível ser verdadeiramente popular e revolucionário. Era necessário, romper com a tradição cosmopolita dos movimentos político-culturais tão fortes na nação italiana. Daí a importância de se construir um “Anti-Croce”, já que esse filósofo, representante do elitismo e do cosmopolitismo, exercia uma profunda influência ente os intelectuais da península.

Tudo indica que o próprio Gramsci foi o mais importante *intelectual nacional-popular* da Itália de sua época. Na melhor tradição maquiaveliana, o autor sardo, buscou o tempo todo conhecer concretamente a complexidade da *vida nacional* do seu país. Para as classes subalternas, tão importante quanto formar seus “intelectuais orgânicos” era formar seus *intelectuais nacional-populares*. Somente assim, seria possível redirecionar os rumos da *vida popular* italiana, marcada pelas opressões burguesa e latifundiária. Em decorrência, seria possível romper com a nação das elites e fundar o *nacional-popular*, até então desprezado pela *herança* conservadora do cosmopolitismo.

Mesmo tendo em vista tais princípios teóricos e políticos, Gramsci não pode ser considerado um “nacionalista”. Muito ao contrário, a sua defesa do internacionalismo em nada é alterada. Ainda no momento pré-carcerário, o autor sardo expressa a sua proximidade ao posicionamento de Lenin sobre essa questão. No artigo *A obra de Lenin*, publicado em 1918, Gramsci afirma: “Lenin se encontra entre os defensores mais entusiastas e convencidos do internacionalismo do movimento operário. Toda ação proletária deve estar subordinada ao internacionalismo e coordenada com ele (...) Qualquer iniciativa que em qualquer momento, e ainda que seja transitoriamente, chegar a entrar em conflito com esse ideal supremo, tem que ser inexoravelmente combatida...” (Gramsci, 1970, p.52)

Portanto, na leitura de Gramsci, Lenin era um importante exemplo a ser seguido pelos revolucionários das outras nações e certamente da Itália, pois ele buscou, ao mesmo tempo, encontrar uma saída verdadeiramente nacional para os problemas russos, inserindo-os no amplo processo da luta internacional das classes populares.

Dentro dessas quatro categorias de intelectuais parecem existir certas relações. Por exemplo, seguindo Gramsci, pode-se dizer que em alguns momentos, o “intelectual tradicional” acaba por se aproximar do “cosmopolita”, pois em certo sentido ambos se descolam seja da classe social fundamental, seja da vida concreta nacional. Portanto, ambos não apresentam

os elementos suficientes para se construir um movimento popular capaz de alterar as bases sociais da velha sociedade. Ao contrário disso, a relação que se pode estabelecer entre o “intelectual orgânico” e o *nacional-popular* se fundamenta por meio de outros princípios. Tanto um quanto o outro desempenham suas atividades intimamente ligados aos anseios das classes sociais. Neste sentido, a criação de um movimento político-cultural progressista disposto a alterar o *status quo* elitista e conservador, da sociedade burguesa, deve necessariamente buscar a união entre eles.

Entretanto, independentemente dessas relações, é interessante notar que o *intelectual nacional-popular* é o único, seguindo as sugestões gramscianas, indiscutivelmente voltado ao avanço histórico das classes progressistas. Isto porque, no caso das demais categorias, o intelectual não é uma conformação necessariamente popular e revolucionária. Diferentemente do *nacional-popular* que como foi ressaltado, historicamente, é inconcebível pelas elites e pelos movimentos conservadores já existentes.

#### REFERÊNCIAS

Gramsci, A. *Cadernos do Cárcere*, Ed. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2001, V2.

\_\_\_\_\_. *Antologia*, In: Sacristán, M. (Org.), Ed. Siglo XXI, México, 1970.